

EL CINEMA

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 152

50 CENTAVOS

ANO IX



Invicta Cine

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX
Numero 152
PORTO
16 DE JANEIRO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMPRESA GUEDES, LDA.- PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e A. S. Machado —
PARIS: Daniel Maybon, Robert
— Gaillard e Maurice Hiléro —
NOVA-YORK: Artur Coelho
HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— — — lherme — — —
BERLIN: Simon Haimovici
VIENA: Fritz Miko
ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Olympia

estreia na próxima 2.^a feira
a super-produção da **Paramount**

OS CIVILIZADORES

(FIGHTING CARAVANS)

Filme adaptado de uma novela
de Zane Grey, interpretado por:

**Gary Cooper, Lily Damita,
Ernest Torrence, Fred Kohler e Tully Marshall**

Este filme, histórico apenas no que diz respeito à sua época, dá-nos a apreciar uma grande aventura. Nele presenciamos a luta dos primeiros desbravadores dos sertões norte-americanos—esses intrépidos vencedores de todos os perigos, que souberam conquistar para si e para os seus um lugar debaixo do Sol.



na capa:

Lilian Harvey

a encantadora prota-
— gonista de —

**O CONGRESSO
QUE DANSA.**

ao lado:

Uma imagem do mes-
— mo filme. —

O ensino da Cinematografia no Conservatório Nacional

COM o título acima, o *Diário de Notícias*, de 10 do corrente, publicou a seguinte local:

« Como noticiamos, reuniram-se ontem, na nova sala da biblioteca do Conservatório, a convite do respectivo director, snr. dr. Júlio Dantas, algumas individualidades de relêvo nos meios cinematográficos nacionais, sr. dr. Ricardo Jorge, Filho, Leitão de Barros, Avelino de Almeida e dr. Gomes Ferreira, que, com o inspector daquele estabelecimento do Estado e com os srs. Viana da Mota, director da secção musical, António Pinheiro, director da secção do teatro, e professor Augusto Pina, trocaram impressões acêrca da instituição do ensino da cinematografia no Conservatório Nacional.

Depois de se verificar que, na grande maioria dos países cultos, o ensino da tecnica e da cultura do cinema está incorporado no ensino do teatro, quando não constitui, pelo seu desenvolvimento, um ensino autónomo, como sucede na Alemanha, na Rússia e, pela recente iniciativa do sr. Mussolini, na Itália, — todas as pessoas presentes, que usaram da palavra, versando o assunto com muita competência e elevação, foram de parecer que a instituição do estudo da cinematografia no Conservatório Nacional representaria um alto serviço, não só como elemento necessário de preparação profissional, mas como expressão do interesse oficial do Es-

tado por uma arte que constitui um importante instrumento de civilização e de expansão internacional. O ensino da cinematografia, segundo opinião unânime, ministrarse-á inicialmente em cursos sôbre a tecnica e a cultura cinemática, e num complemento da educação profissional dos artistas dramáticos que lhes permita adaptar-se, na mímica, na composição das figuras, na dicção e no canto, às exigências da nova arte, desenvolvendo-se os cursos mais tarde, quando a iniciativa particular, de acôrdo com o Estado, puder oferecer a professores e discípulos os elementos didácticos indispensáveis ao ensino prático integral.

O sr. dr. Júlio Dantas, agradecendo a presença das individualidades convidadas e, em especial, o valioso e desinteressado oferecimento, feito pelo sr. dr. Ricardo Jorge, Filho, da simpatia e concurso do « Cinema S. Luis », para tão progressivo e importante empreendimento, declarou que, na proposta que ia apresentar à consideração do senhor ministro da Instrução Pública, teria em atenção as lúcidas e interessantíssimas indicações que acabavam de ser-lhe dadas. Sabemos que o sr. dr. Júlio Dantas se avistou, ontem mesmo, com o senhor ministro da Instrução. »

A ideia da formação de um curso de cinematografia no nosso país — embora, infelizmente, em Portugal não exista um estúdio onde se possa produzir um filme — é interessante; porém, cumpre-nos perguntar: ¿ Existe entre nós alguém com os conhecimentos necessários para lecionar numa aula dessas? Supomos que não.

Aguardemos, no entanto, mais informes sôbre a formação dessa escola, para depois nos pronunciarmos.



ADOLPH MENJOU, o conhecido artista que nos tem aparecido em inúmeros filmes americanos, encontra-se presentemente em Inglaterra trabalhando em «Dois Braços Brancos». MENJOU deve aparecer em alguns filmes europeus.

Ecos e boatos Consta que um grupo de rapazes desta cidade está estudando as bases para a fundação dum club cinematográfico no Pôrto.



O público, ou melhor, uma grande parte do público que enchia a sala do salão Olímpia, na noite de quarta-feira da semana passada, durante a exibição do bellissimo fono-filme *A Ultima Companhia*, portou-se duma forma vergonhosa e incorrecta, quasi apupando aquela excelente obra cinematográfica.

Digam o que disserem, mas o «grande público», talvez por lhes darem quasi sem interrupção maus alimentos visuais, continúa mantendo a sua falta de cultura, a sua estupidez e a sua nenhuma compreensão perante as raras boas produções que lhe apresentam. E' triste... mas é assim mesmo.



Um jornal desta cidade que acaba de *contrair matrimónio* com uma simpática revista, também do Pôrto, na sua secção «ouvimos dizer», faz éco do seguinte:

«que na cópia nova do filme *A Severa*, em reprise no Batalha, faltavam duas legendas, uma delas muito importante para a ligação de duas «épocas» da acção do filme.
«que, por isso, o público fez grandes protestos no dia da primeira exhibição.»

Isto prova simplesmente que os dirigentes do salão em questão não se preocupam com o seu público, pois do contrário, como fazem

todos os bons cinemas, antes de exhibirem publicamente qualquer filme verificam se o mesmo está em boas condições de ser apresentado.

Dada a hipotese do filme ter chegado no mesmo dia em que foi exibido, com um pouco de boa vontade, em menos de quinze minutos, se podiam ter feito as legendas que faltavam e depois projetá-las sobre a cena.

Se tal o fizessem, já o público não protestava, estamos certos.



Jacques Feyder volta papa Hollywood O conhecido realizador francês Jacques Feyder, do qual nós vimos os filmes:

Segunda Mãe, *Carmen*, *Os Novos Senhores*, *Tereza Raquin* e o *Beijo*, embarcou na quarta-feira da semana passada a bordo do «Paris», com destino a Nova-York. Feyder devia realizar para a casa «Pathé Natan» o filme *1940*, mas esta sociedade não pôde aceitar as exigências daquele encenador cujo orçamento para a *mise-en scène* do referido filme atingia a soma formidável de cinco milhões de francos!



Brigitt Helm... interpretará o papel de Antinéa no filme *Atlantida* que Pabst vai realizar. Segundo as últimas informações, G. W. Pabst partiu para a Africa afim de escolher os melhores locais para manivelar a sua nova produção. Até há pouco ainda não estava definitivamente escolhida a distribuição. Sabe-se todavia que Brigitte Helm foi escolhida para desempenhar Antinéa.

Para o papel do capião Morhange, Pabst pensará no jornalista Delange, secretário geral do *Excelsior*, cujo tipo, afirma Pabst, lhe convinha à maravilha. Delange, todavia, ainda que lamentando não poder aceitar, recusou a tentadora oferta. Para a versão alemã, contudo, Gustav Diessl já foi escolhido para esse mesmo papel.

✧

Greta Garbo... não quer mostrar as pernas!... Vocês se calhar estranham, mas a verdade é que Greta Garbo, que está interpretando um filme sobre a vida de Mata-Hari, manifesta esta exigência... ou este medo... talvez por as suas pernas não serem daquelas que dão orgulho às suas possuidoras...

Certas cenas do referido filme apresentam naturalmente dansas assás despidas, porque a infeliz Mata-Hari foi uma das primeiras dansarinas mais... à fresca que aparecem no tempo da grande guerra, época em que a acção do filme decorre. Greta Garbo, recusando-se a mostrar as pernas no *écran*, exigiu que fosse *doublee* para estas cenas. Mas há mais. A célebre estrela sueca exigiu que o nome da *double* figure na distribuição, não porque ela não queira impedir a uma camarada de receber merecidos aplausos, mas porque não quer que o público faça confusões...

Sempre há cada madureza!... O que vale é que tudo serve de publicidade, e os americanos, que nestas coisas não são tolos, aproveitam tôdas as oportunidades... e fazem bem. (da A. I. C.)

✧

Abortos da natureza

Um extraordinário e inacreditável grupo de visitantes chegou recentemente à Cinelândia. Este grupo inclui Johnny Eckt, o rapaz que não tem senão meio corpo; Coo Koo, a «rapariga pássaro», cujo corpo se assemelha em tudo ao de uma cegonha; e a «pequena Marta», que nasceu sem braços, e que sabe tecer e bordar com os dedos dos pés.

Este estranho grupo forma a vanguarda dum exército de fenómenos que chegam diariamente a Hollywood contratados para o filme *Freaks*, sensacional drama da vida do circo que será dirigido por Tod Browning.



VIRGÍNIA CHERREL, a encantadora companheira de Charlie Chaplin no filme «Luzes da Cidade», produção que ainda não está adquirida para Portugal.

Os visitantes mostram-se encantados com o clima de Los Angeles.

«Aqui as ruas são quentes», observou com alegria a pequena Marta, que usa sapatinhos muito finos para que possa trazer os dedos dos pés à vontade. Em Nova York e em Chicago, por exemplo, as ruas e as calçadas são tão frias, que os dedos dos pés se tornam tão rígidos que nem se pode tocar piano.»

Estão sendo esperados agora Ranyan, conhecido como «o torso vivente», porque não tem braços nem pernas; Sclitze, a «cabeça de alfinete», que tem um corpo normal e uma cabeça muito pequena e pontuda; Olga, a mulher barbada; Josefina Joseph, metade homem e metade mulher, e as famosas irmãs siamezes Hilton, assim como outros fenómenos, anões, etc.

Até hoje não se reuniu ainda um grupo tão variado como estes abortos da natureza. Muitos deles, como as irmãs siamezes Hilton, e Johnny Eckt, são muito conhecidos e têm atraído a atenção de cientistas de várias partes do mundo.

Tod Browning, famoso pela sua criação de filmes misteriosos, tais como *Dracula* e *O Trio Fantástico*, é quem dirigirá *Freaks*.

Além dos fenómenos mencionados, aparecerão neste filme, Harry Earle, o anão que apareceu em *O Trio Fantástico*, e sua irmã Daisy, também anã, Angele Rosita, e um notável elenco de actores normais, entre os quais Leila Hyams que interpretará «Venus» e Wallace Ford.

✧

«a **legenda**» Por dificuldades à última hora surgidas não pôde ainda reaparecer no seu novo formato de revista como estava anunciado, esta publicação cinematográfica, «crítica da crítica», a qual reaparecerá, definitivamente, cheia de atrativos e surpresas, em 15 do mês corrente.

✧

O fono-filme O s a r - **A Severa** t i s t a s

que trabalharam no fono-filme *A Severa* avistaram-se dia 13 com o inspector geral de espectáculos, afim de solicitarem a sua intervenção no sentido de lhes ser pago o seu trabalho em versão espanhola do mesmo filme que acaba de ser feito.

○ CONGRESSO QUE DANSA

PORQUE tanta gente se encontra anseosa pela exibição de *O Congresso que dança*?

Porque os nomes dos intérpretes dêste fonofilm parecem ter a extraordinária magia de revolucionar o mundo cinéfilo? Porque há profundas esperanças na cinematografia técnica dêste filme?

A ansiedade, a magia dos nomes, a esperança na técnica, resumem-se apenas na palavra que representa o nome da cidade escolhida para ponto de reunião da *élite* política que se juntou no congresso de... Viena

Viena, evoca a muita gente um sonho, uma cidade de quimera. Nome lindo, suave de dizer, que se pronuncia sem um esforço e que, no entanto, é extraordinariamente evocador; um país de amor imaterial, onde a vida tem um ritmo cadenciado, mas numa cadência enlevante, nunca parecendo um marchar funéreo, mas um encaminhar festivo; tem o ritmo da valsa, essa valsa que embalou nossas avós, as fez sonhar, como sonham as raparigas de hoje, vertiginosamente, no acelerado *fox-trot*.

Viena, com o seu aspecto meigo, com os seus cantares tão latinizados, não podia deixar de ser a cidade ideal para uma bacanal hipócritamente política, uma réstea de sol na escuridão profunda em que tinha lançado os povos, o bicorne e a águia do desterrado em Santa Helena, então, ainda na ilha Elba.

E essa pequena Christel, luveira frívola, quiméricamente sonhadora, que já se via imperatriz de tôdas as Rússias e que julgava ter conquistado o coração do czar Alexandre, essa esquisita figurinha de Saxe, amada, fina, travêssa, vivendo como fada, nos dias de encantamento em que a lançou o «seu» czar, não representa mais do que o pensar travêssos das raparigas dessa época, que tinham visto embeber-se todo o solo

da Europa no sangue novo da mocidade do primeiro quartel do século XIX.

Era justo que assim pensassem as graciosas Evas desta época, que tinham tornado o amor materialista do fim do século XVIII num amor ideal, quâsi divino, que tornava a mulher excelsa, imponderável no impalpável de um irrealismo sonhador.

A literatura dessa época ressentia-se notavelmente dêste estado de coisas, dêste novo arranjo da vida; a França tinha o seu Lamartine, que em *Rafael* e *Graziela* deixou bem patente o idealismo amoroso da época. Portugal tinha Camilo, já noutra face, já adaptado à sentimentalidade extraordinariamente piégas do português.

Como quer que seja, o Congresso de Viena, realizado com fins políticos, baseado no ódio terrível de Metternich, não é simplesmente uma parada política, uma reunião de valores; é pelos factos que se lhe seguiram, pelo desenrolar cronológico da época, uma espelho, a demonstração duma primeira revolução de pre-conceitos, que ia fazer abalar tão profundamente

o mundo, como anos antes o movera a revolução francesa.

E' a quebra decisiva das castas privilegiadas, a última estocada jogada fortemente, o golpe de misericórdia ao clero e à nobreza. Começa aí o amalgame, a fusão e a junção do privilegiado sangue azul com o rutilante vermelho sangue plebeu. Este *O Congresso que dança*, apesar das afirmações em contrário, é uma notável lição histórica proveitosa.

Folga o «congresso» nas ruas de Viena; todos os pesadelos duma era de reconstituição como fôra a idade moderna, depois duma noite de mil anos, terminaram com o 14 de Julho de 1789 e foram modificados e evoluídos até 1815.

O Congresso que dança é um filme que nos mostra verdades encobertas numa linda história de amor.—S.



B O N U S

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 21 de Janeiro de 1932.

O L Y M P I A

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 21 ou 23 de Janeiro de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 23 de Janeiro de 1932.



CONGRESSO QUE DANÇA

(Le Congrès s'amuse)

Uma produção de
ERICH POMMER
para a UFA.

Realização de
ERIK CHARELL

Uma bela imagem de O CONGRESSO QUE DANSA

DISTRIBUIÇÃO:

Christel	LILIAN HARVEY
Alexandre I da Rússia ..	HENRY GARAT
Uralsky	XXX
Metternich	PIERRE MAGNIER
Pépi..	ROBERT ARNOUX
Talleyrand	JEAN DAX

A Condessa	LIL DAGOVER
A Princesa	ODETTE TALAZAC
O Ministro das Finanças	SINOEL
O Maire de Viena	PAUL OLIVIER
O Cantor..	TARQUINI D'OR
Bibikoff	ARMAND BERNARD

1815... Napoleão, exilado, perdia as forças na ilha de Elba. A Europa que tinha durante muito tempo curvado a espinha sob o chicote do domador, levanta-se e respira. Todas as nações do velho continente estão reunidas em Viena na pessoa dos seus soberanos ou dos seus homens de Estado mais notáveis e este «Congresso» deve decidir da sorte da águia caída e do futuro europeu. Isto quer dizer que, durante algum tempo, Viena é o centro do mundo e que todos os olhares do universo estão voltados para ela.

Cada dia marca a chegada dum novo monarca, e a cidade parece viver numa festa perpétua sobre uma chuva de flores e furacões de vivas.

Hoje é em honra do Czar Alexandre I da Rússia que ressoam as aclamações de boas-vindas. As estradas e as varandas estão repletas com o público que espera o jovem e belo soberano.

Christel, a gentil luveira, preparou um *bouquet* para o lançar sobre o coche imperial. Como todos os outros visitantes reais, Alexandre receberá as flores e poderá ler sobre o papel que as cerca que «as mais lindas luvas se compram no armazém que tem a tabuleta *A La Jolie Bergère*». Porque Christel tem a mania da publicidade e zomba sem vergonha das ordens formais e da cólera de Metternich. Em vão Pépi, secretário, o braço direito do ministro, tentou fazer ouvir a razão a Christel, da qual elle está loucamente apaixonado.

A rapariga decidiu lançar no coche de Alexandre o seu *bouquet*-réclame e nada poderá impedi-la. Com efeito quando passa o coche imperial, entre o tocar das trombetas, o rufo dos tambores e as aclamações duma multidão em delírio, o Czar recebe sobre os joelhos um projectil que cai em seguida no chão: «Salve-se quem puder!» — grita a multidão — «E' um atentado!». Lançam-se sobre Christel e levam-na ao posto de policia mais próximo, e pela aplicação da lei marcial ella é condenada a receber vinte e cinco bastonadas. Mas Pépi intervem junto do Czar que, divertido, vai elle próprio retirar Christel das mãos do carrasco.

Diante desta criança provocante, o Czar sente o coração bater-lhe mais forte e, incógnito, convida Christel a beber uma cerveja nos jardins de uma hospedaria dos arredores de Viena.

Metternich, informado de tudo que se passa em Viena, rejubila-se com este idílio: Um Czar amoroso não

tomará no «Congresso» uma parte muito activa e Metternich poderá à vontade pescar nas águas turvas.

Mas elle não contou com a astúcia de Alexandre e do seu ajudante de campo Bibikoff que se faz acompanhar por Uralsky o sócia do Czar, o qual substituiu-lo-á nas circunstâncias criticas.

Na manhã seguinte, logo ao despertar, o encanto começa para Christel: um magnifico coche espera-a à sua porta e condu-la no meio da admiração geral até aos arredores de Viena para uma suntuosa casa de campo onde a rapariga irá de maravilha em maravilha.

E' um presente do Czar que revelou assim a Christel a sua verdadeira personalidade. A rapariga está louca de alegria. Vê-se já Imperatriz de todas as Rússias e apesar de tudo não pode crer na sua felicidade.

No mesmo dia, recebe a visita do Czar mas, com grande surpresa sua, este está tão mudado, estúpido e frio quando elle era cheio de garbo, gracejador e galante. Foi Alexandre que enviou ao *rendez-vous* o seu sócia afim de assistir elle próprio à sessão do «Congresso». Da mesma forma quando se tratar de assistir nessa mesma tarde à representação dos bailados russos e quando for preciso no dia seguinte, no decorrer de uma festa grandiosa, vender beijos em proveito dos pobres de Viena o astucioso Czar far-se-á desdobrar pelo seu sócia.

Todavia, no momento em que vê Christel avançar para abraçar o falso Czar, elle manda chamar Uralsky e apresenta-se em pessoa a oferecer os seus lábios aos beijos da rapariga. Christel, ébria de felicidade, supplica ao Czar que a leve com elle para S. Petersburgo quando soar a hora da partida.

Entretanto, durante este tempo, o «Congresso» que não se interessa nada pelas questões levadas à ordem do dia, diverte-se e dança até entontecer. E Metternich pode à sua vontade urdir a trama das suas astuciosas manigâncias. Mas de repente um mensageiro, coberto de poeira, abre caminho através dos pares que valsam.

Ele quer falar a Metternich e, rapidamente, a nova espalha-se como uma onda de pó: Napoleão, evadido da ilha de Elba, voltou a França. A luta da Europa inteira contra o grande imperador vai tornar-se de novo mais bela, assassina e implacável... E o sonho duma pequena luveira voa sobre os toques de clarim... Christel não será Czarina e o bravo Pépi esforçar-se-há por lhe fazer esquecer a sua decepção oferecendo-se para fazer dela a companhia da sua vida.

Confissões de Harold Lloyd

ENTREVISTADO há tempos, Harold Lloyd fez as seguintes e interessantes declarações:

«O dinheiro transforma qualquer um, mas eu descobri, felizmente, que, para mim, a transformação não foi pior.

«É exqu岸ita essa ideia que muitos fazem de que o dinheiro modifica a todos e a todos torna vis e indignos, depois de o conquistarem. Então uma pessoa com dinheiro não se pode transformar para melhor? A mudança, que abre novas portas, marca novos horizontes, apenas mostra, à criatura, o quanto ela pode viver bem e bem fazer aos outros, dentro do conforto que tem e que disfruta.

«Dizem-me muitos que agora tenho fortuna, nome universal, fama, socêgo, em suma, tudo que uma pessoa possa desejar.

«Ainda represento porque, dizem, a minha época ainda não passou de todo e os meus filmes, nem sei mesmo porquê, ainda fazem um grande sucesso. Mas, quando eles caírem completamente, eu irei para o campo da direcção. Tenho uma grande vontade de dirigir. Ou então, caso isto prove um fracasso, também

apreciarei ser um supervisor de filmes. Gosto muito de assistir a conferências e discussões que precedem o início de um filme.

«O que também quero e conseguirei, é viajar. Gostaria de passar seis meses da minha existência passeando em países diferentes e outro tanto tempo em casa trabalhando ou discutindo qualquer plano. Quero conhecer o mundo todo, sem excepção.

«Uma das coisas que mais aprecio é o *golf*. Douglas Fairbanks e eu, quasi que diariamente, nas horas disponíveis, empenhamo-nos em partidas amistosas, renhidas.

«Não gosto, por exemplo, de festas com *jazz*, bebidas clandestinas e dansas exageradas. Gosto da vida no seu lado simples de viver. O que eu aprecio também imenso é passar um dia todo em casa, em trajes de *tennis* e com sapatos velhos, arrumando o jardim.

«Outra coisa que me alegra profundamente é estar ao lado da minha filhinha.

«Eu queria ser pai de cinco filhos, porque descobri, só depois da minha Gildres Glória ter nascido, que os melhores momentos da vida que nós gastamos são aqueles em que estamos ao lado dos nossos filhos.

«Eu tenho uma grande fé na natureza humana. Acho que todo o mundo é bom. O povo precisa ser acreditado. Até hoje nunca sofri uma traição ou falsidade, fôsse de quem fôsse. Creio sinceramente que, sob qualquer aspecto, a vida é agradabilíssima de viver. «Foi uma coisa que descobri há anos, quando me encontrava num hospital sofrendo terrivelmente por causa dum acidente de que fui vítima. Durante semanas, pensei, seriamente, que iria ficar cego para o resto da minha vida.

«Sentia, naquilo tudo que me envolvia e tolhia os movimentos, que jamais poderia trabalhar. No entanto, apesar dos meus enormes sofrimentos, eu achava que Deus já tinha feito muito em não me tirar a vida, e, com isso, sentia-me plenamente satisfeito. Se amanhã eu perdesse toda a minha fortuna, o meu nome artístico, em suma, tudo quanto hoje tenho, eu ainda assim seria feliz e entusiasmado. Eu saberia construir a minha casa, simples e modesta e, dentro dela, viver com os pedaços do meu coração, uma felicidade enorme. Amo o que tenho, seja apenas muito ou pouco ou quasi nada.

«Tudo me emociona facilmente. Os meus filmes, hoje, ainda são emoções para mim, quando se estreiam.

«O meu lar; minha mulher, minha filha, emfim tudo quanto me rodeia, são sempre também emoções para mim.

«É tudo quanto descobri de mais interessante na minha vida para vos contar. O resto, todos sabem: já viram nos filmes...»



HAROLD LLOYD

de Lisboa

SEMPRE que chega o dia de escrever esta crónica fico muito aflito. Nunca tenho assunto.

O mais curioso é que durante quinze dias aparecem-me variadíssimos temas para as minhas crónicas, e eu, sempre que tenho uma ideia, desenvolvo-a mentalmente, chego a compôr determinadas frases, arranjo sempre uma forma de principiar muito interessante, imagino divagações e fico muito convencido de que já tenho um assunto esplêndido. Mas assim que chega o dia de mandar para o Pôrto a minha secção, pronto!, não há meio de me lembrar de alguma coisa de geito.

Sinto-me atacado duma forte amnésia e necessito de dar imensas voltas ao miolo para conseguir com que encher uma página da revista. Hoje, por exemplo, estou num desses dias.

Demais a mais, êste delicioso céu azul de Lisboa deu-lhe para estar cinzento, duma forma horrivelmente tristonha e monótona, de maneira que eu, que embirro solenemente com a monotonia, estou muito triste, sinto-me acobrunhado e com o cérebro ainda mais vazio de ideias do que de costume.

Em vez de estar a escrever para uma revista de cinema, apetecia-me fazer uma crónica sentimental para uma revista literária, em que falasse muito em coisas vagas, indefinidas, a esfumarem-se ao longe.

Apetecia-me fazer o elogio de qualquer coisa que não existisse.

Ainda se ao menos, em vez de estar aqui, sòzinho, no meu quarto de aluguer, estivesse no Pôrto, na redacção, as coisas corriam de outra forma.

Exigia do chefe uma ideia, uma sugestão, ou ia ter com o Roberto Lino ao gabinete dêle e pedia-lhe que me mostrasse as últimas fotografias de estrêlas chegadas de França, da Alemanha ou da América do Norte; escolhia a que me parecesse mais sugestiva; levava-a para a minha secretária e com ela na frente começava a escrever coisas muito estúpidas, com muitos lugares-comuns, a elogiá-la e a falar do seu próximo filme... Não! Isto não fazia eu! Porque depois vocês todos começavam a dizer que aquilo era publicidade... Mas embora não fizesse isto, sempre havia de aparecer qualquer assunto palpitante.

Pedia por exemplo ao Amok uma carta duma leitora qualquer que se confessasse apaixonada por um dos galãs em voga e respondia-lhe numa página com muitas palavras cónicas sôbre o Henry Garat ou sôbre o Ramon, para que ela não gostasse mais dêles, para que ficasse desiludida por completo.

Além disso o Lino tem lá na redacção um delicioso vinho do Pôrto—que êle diz ser só para as visitas—e que sempre me havia de inspirar qualquer coisa...

Em último caso, exigia do Alves Costa uma prelecção sizuda sôbre o cinema soviético ou sôbre a acção pacifista dos filmes de guerra e



MARLÈNE e GARY
Cooper em «Marrocos»

escrevia um artigo muito sério, que vocês, com certeza, não tinham coragem para digerir

Ah! minha querida e confortável redacção, como eu tenho saudades de ti!...

Mas como eu não estou lá, nem posso contar com a ajuda dos meus camaradas, vou tentar, pelo meu único esforço, dizer-vos qualquer coisa.

Vou falar-vos de três filmes actualmente em exhibição cá na capital. Começarei por

O Congresso que Eis um filme delicioso, que
dansa, no S. Luís foi feito de propósito para
vocês todos gosterem. Em-
bora, a meu ver, não iguale
o inesquecível *Caminho do Paraíso*, é todavia
um espectáculo encantador unicamente para
os sentidos.

A Lilian Harvey—ah! a Lilian Harvey!—vai pôr-vos a todos ainda mais doidos por ela do que já estavam.

Eu até nem quero falar mais nela, porque tenho medo de me entusiasmar de tal forma que a revista tôda não chegue para o que eu era capaz de escrever.

O Henry Garat—que encarna um tzar que certamente não era simpático—vai tambem lindamente.

O Armand Benard, então, está cada vez mais engraçado, mais espirituoso, mais Armand Benard.

Além disso, ouvem-se duas músicas, um fox e uma valsa—*Serait-ce un rêve?* e *Ville d'Amour*—que vão estar em voga como nenhuma outras.

Podem ter a certeza que durante todo o próximo Carnaval não vão dançar outra coisa.

Se vocês querem um bom conselho, vão ver êste filme e verão que não se arrependem.

Marrocos Eu estou já tão habituado às ope-
no Tivoli retas cinematográficas da Ufa que
hontem à noite, no Tivoli, fiquei
muito admirado por não ver a Mar-
lene, o Gary Cooper e o Adolphe Menjou de-
satarem a dançar um fox, à laia de *girls*, e a
cantarem em côro.

(Continua na pág. 14)



AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

apresenta

na próxima 2.^a feira no **Aguia d'Ouro**
o surpreendente fonofilm

O Congresso que dança

com os queridos artistas

Lilian Harvey e Henry Garat

Ressurreição

DAS quatro versões cinematográficas da obra de Léon Tolstói que actualmente existem, eu só vi aquela que nos foi apresentada há tempos, com Dolores del Rio no papel de Katuscha, e esta última que Edwin Carewe realizou em princípios de 1931, com Lupe Velez no principal papel feminino. E entre estas duas, eu não hesito em dar a minha total preferência à versão sonora e falante que agora o Aguiá d'Ouro nos apresentou e que é, por muitas razões, um trabalho filmico de apreciável valor.

O argumento, que naturalmente segue de longe a obra de Tolstói, só lhe aproveitamos os pontos essenciais, para que o filme perca todo o caracter literário que uma transposição destas poderia acarretar, é dos tais que não só se conservam sempre actualizados, como também, não nos pedindo um grande esforço mental, nos interessam de ponta a ponta com o seu agradável desenrolar, ao mesmo tempo que nos põem indirectamente em contacto com duas classes sociais em debate. A tradução cinematográfica do livro de Tolstói, trabalho cheio de escolhos como bém se pode compreender, foi feliz. Edwin Carewe deu-nos uma excelente composição cinográfica, bem desenvolvida, harmoniosa e rica em bonitas imagens.

Lupe Velez tem em *Ressurreição* um trabalho notável. Se nas passagens amorosas já se adivinha a grande artista que ali está, na cena do tribunal e na da prisão, Lupe Velez impõe-se à nossa admiração e conquista por completo os nossos mais francos aplausos. Gostei do seu desempenho. Outro tanto não direi de Gilbert Roland que não está à altura do papel que lhe confiaram. Se na primeira metade do filme o seu desempenho quasi satisfaz, nalgumas das cenas finais evidencia uma lamentável falta de recursos para vencer as dificuldades da figura que interpretou.

Em resumo: perdoando certas infelicidades do diálogo e passando por cima do mau trabalho de Gilbert Roland, classifico *Ressurreição* como um bom filme e acho-o com qualidades bastantes para agradar mesmo a quem for um bocadinho exigente.

Estreado no Aguiá d'Ouro em 28 de Dezembro.

A Noiva da Esquadra (True to the Navy)

Nitidamente um filme fraco, e fraco tanto pelo cenário, que podia ser singelo mas estar bem desenvolvido — o que não acontece, como pela realização, que se resente da debilidade do argumento e se mantém abaixo da mediocridade. A acção é desenrolada aos empurrões, monotonamente; as figuras não tem relêvo; e o próprio «it» da Clara Bow perde-se por completo, não impedindo, pois, que um tédio medonho nos assalte depois da primeira parte. E Clara Bow tem uma voz interessante, continua ainda apaixonar a juventude cinéfila, continua possuindo muito «aquilo»... mas de que serve tudo isso, se não a souberam aproveitar, se o cenário não presta e se a realização é má?

Estreado no Trindade em 29 de Dezembro.

Uma Noite de Rusga (Um Soir de Rafle)

Um filme cheio de qualidades. A história dêsse *boxeur* que, após a sua primeira grande vitória, abandona a sua amiguinha pelo amor duma mundana e que, mais tarde, vencido, volta para junto daquela que traiçoára, não é, positivamente, uma novidade. Mas é um feliz pretexto para — a par duma novela amorosa agradável — nos levarem para o meio da multidão e nos fazerem viver com ela os seus momentos de folgado: primeiro no reboliço duma feira, mais tarde ao lado dêsse público semi-louco de entusiasmo que enche a sala Wagram numa noite de espectáculo de box.

Carmine Gallone, que está tomando uma posição muito apreciável entre os realizadores europeus, se não chegou, com *Uma Noite de Rusga*, a dar-nos uma obra-prima, ofereceu-nos todavia, um bom trabalho, bem cinematográfico, com movimento, rico em detalhes e absolutamente equilibrado. O próprio argumento está bem tratado. Não há uma passagem longa de mais, não há uma cena dispensável. As imagens succendem-se numa boa harmonia de princípio a fim, sem que o ritmo do filme sofra a menor quebra. Sons, ruidos e diálogos (e os diálogos de *Uma Noite de Rusga* são uma das suas

belas qualidades) ajudam as imagens, reforçando-as, completando-as, valorizando-as. Aponto como notáveis as cenas na sala Wagram. Ao mesmo tempo que nos mostra, por curtas fases, o jogo dos *boxeurs*, C. Gallone fixa com uma série de detalhes visuais e sonoros habilmente «montados», a «atmosfera» da sala, fazendo-nos, mesmo, seguir o desenrolar do combate pelas expressões de alegria, de ansiedade, de medo de Mariette (Annabella), que assiste ao espectáculo, apertada no meio dum público popular, ruidoso, bulhento, entusiasmado.

Prejean, hoje um dos melhores artistas do cinema francês, dá-nos um trabalho apreciável e muito acertado. Annabella, cheia de simplicidade, dá à figura de Mariette um encanto inigualável. A cena no café, quando ouve Prejean cantar, é admirável, reflete duma maneira primorosa todo o sentir do personagem que encarna. Carmine Gallone conseguiu, nesta cena, captar-lhe algumas expressões duma beleza extraordinária. Constant Remy, excelente actor, mantém durante todo o filme os seus grandes créditos, e naquela cena em que abraça Prejean, quando este é vencido, impressiona, comove.

Uma Noite de Rusga não é uma obra excepcional, mas é bom cinema. É isso consola-nos.

Estreado no Aguiá d'Ouro em 4 de Janeiro.

Rato de Hotel (Blanc comme neige)

Uma comédia musical desprezenciosa, aceitável, mas sem extraordinárias qualidades. Com mais um empurrãozinho, seria um filme muito razoável. Tal como está não desagrada, mas é pouco consistente e não satisfaz por completo. A história não é nova, como novos não são nem o desfecho, nem os processos de conduzir a intriga. Não aborrece, todavia. Betty Stockfield aparece-nos pela segunda vez, desempenhando sem dificuldades um papel que pouco trabalho lhe deve ter demandado. Parece ter envergadura para papeis de maior responsabilidade. Espero por novos filmes para fazer um juízo seguro sobre as suas qualidades de comediante. Roland Toutain, dá juventude ao filme, agrada. René Koval, o pastor, tem, duma maneira geral, um bom trabalho. Os outros são figuras demasiado secundárias e nem sempre vão muito acertadamente. E eis tudo.

Estreada no Trindade em 5 de Janeiro.

A Última Companhia (Die Letzte Kompagnie)

Um filme lindíssimo. Desde o descerrar das primeiras imagens, o espectador fica cativado. Os nossos olhos abrem-se em contemplação perante êsses quadros de início, esfumados, nevoentos, em que os homens parecem sombras que passam, em que as coisas tomam um aspecto irreal, em que tudo tem um não sei quê de maravilhosamente fantástico. E a história começa a desenrolar-se. Uma história singela, uma história humana, mas que tem um não sei quê de maravilhoso que nos coloca acima da realidade; talvez pela maneira como essa história nos é contada em imagens — e imagens das mais belas —; talvez pela visão dêsse moínho secular, legendário; talvez pela presença dos lodaçais cobertos de bruma; talvez pelo sorriso ingénuo e bom dessa rapariga que arrisca a vida para fazer companhia aos pobres soldados; talvez pela figura máscula, angulosa, dêsse comandante, de vontade férrea mas bondoso, que a morte levou quando lhe começava a sorrir o amor...

Todo o filme, muito lento, muito denso, mas dum equilíbrio absolutamente perfeito, é um encanto para os sentidos. Depois, Kurt Bernhardt, dirigindo, e Gunther Krampt, filmando, fazem maravilhas com a luz e a sombra. Os quadros do começo são fragmentos que não se esquecem, que a nossa sensibilidade captou para sempre.

Conrad Veidt, um actor que eu admiro muito, bém dentro dum papel próprio para a sua figura e para a sua «maneira», dá-nos um magnífico desempenho. A volta dêle, um grupo de actores muito homogéneo e cuidadosamente dirigido.

Em duas palavras: Um filme duma extraordinária beleza e que é positivamente bom cinema... mas um filme que o «grande público» trocará estupidamente por qualquer historieta com muito jazz, muitas coxas nuas, muitas canções, muita vulgaridade...

Estreado no Olympiá em 4 de Janeiro.

Alves Costa.

Adélia — Pôrto — A Direcção pede-me que lhe transmita muitos agradecimentos por ter feito a assinatura da nossa revista. O Fernando envia-lhe afectuosos cumprimentos. E eu (já agora também hei-de querer qualquer coisa) espero que Você me honre, entrando para a «minha família» e dando-me de quando em quando o prazer de a ler. Valeu?

Um futuro médico — Pôrto — Se é um futuro médico como um futuro advogado que eu conheço... estamos arranjados...

— Sim senhor, sou capaz de fazer-lhe todos os favores que desejar desde que estejam dentro das minhas atribuições. Obrigadinho pelos seus cumprimentos de boas-festas e votos de felicidades.

Este senhor deseja trocar correspondência com leitoras de INVICTA CINE, sôbre assuntos cinematográficos.



Fotogénica — Pôrto — Com que então Você julga-se «extremamente fotogénica e com muito pronunciadas qualidades para artista de cinema»? E isso quando lhe dá, dura-lhe muito tempo?... Olhe que isso é perigoso. Emfim, eu não a quero desgostar, mas acho preferível que Você vá contentando a sua paixão pelo cinema vendo bons filmes, sem pensar entrar neles. Agradeço e retribuo os «dois beijos estilizados». Perdão. Não retribuo coisa nenhuma. Já me ia esquecendo de que estou proibido de retribuir ternuras... Todavia, Você mande sempre.

Amokinho-ben-Amok — Pôrto — Respondi à outra carta no número passado. Também eu li. Ficamos na mesma. Obrigado.

José Pacheco da Glória — Portimão (rua João Anes, 10) — Este senhor participa que oferece fotografias de artistas cinematográficos às leitoras que se dignarem escrever-lhe.

Amo-o — Pôrto — A mim, ou a êle? Você também anda sempre a mudar de pseudónimo! Valha-lhe a Nossa Senhora dos cinéfilos... Os beijos foram entregues. Ele tem falado muito em si... e são tantas as saudades, que há já duas semanas que não come... Você, também, nunca mais lhe telefonou... A direcção de Greta Garbo é: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver-City, Califórnia, U. S. A. Isso nem é pergunta que se faça. A outra artista está retirada do cinema. Escreva sempre. Obrigado pelas boas-festas.

O Homem do chapéu branco — Lisboa — Obrigado pelos panegíricos que tece à nossa revista. Não ficaremos por aqui. Então essa paixão cavernosa pela «nossa» Lillian Harveyzinha? Que me diz dela no Congresso que dança? E que me diz das duas fotos que vieram publicadas na INVICTA CINE? — As duas artistas por quem pergunta estão afastadas do cinema, talvez só temporariamente. Artur Duarte continua na Alemanha. Não sei ao certo o que faz... se está fazendo alguma coisa. Obrigado pelos desejos de felicidades e de bom humor.

Velho cinéfilo — Pôrto — Também eu recordo êses tempos com saudades. Mas o que passou, passou, e nós homens dêste século, devemos pensar mais no presente e no futuro do que no passado, que não voltará. Charles Vanel está-se dedicando presentemente à realização cinematográfica. Neste momento dirige para a «Pathé-Natan» um filme que tem por título: *Le Coup de Minuit*. Vanel será também o protagonista. — Creio que Werner Krauss, um notabilíssimo artista, não tenha dúvidas, está retirado do cinema.

Pode continuar a escrever-me. Lerei sempre as suas cartas com muito prazer.

Américo Gomes Teixeira — Olhão — Sim senhor, Willy Fritsch é casado com Lillian Harvey. Um felizardo! A direcção de Artur Duarte é: Westendalee, 57 — Berlin Westend, Alemanha. Talvez lhe responda.

Fiel assinante — Portimão — Temos muita pena mas não lhe podemos fazer a vontade. Queira perdoar-nos.

Melisande — Lisboa — Estou muito contente por saber que a última conversa escrita que tivemos, lhe agradou assim tanto. Você parece que tem medo que eu me aborça quando discorda de mim. Engana-se. Eu gosto que discutam comigo, que me apresentem os seus pontos de vista e as suas ideias, mesmo que esteja em desacordo com elas. Quando alguém me diz a tudo que

sim e concorda em absoluto com o que eu digo, eu fico com a impressão de que essa pessoa não tem opinião própria. Por isso não temo discordar da minha maneira de ver. Você apresenta as suas razões, eu apresento as minhas, e esforçar-nos-emos

por chegar a um entendimento. Não, Melisande, eu não gostei de *Napoleão II* a não ser em alguns fragmentos poucos. Todavia não nego que o desempenho — que é absolutamente teatral... e fora de moda — tenha sido perfeito. Pergunta Você que crime cometeu o realizador de *A Parada do Amor* se se chama crime de lesa-cinema ao que Tourjansky cometeu realizando *L'Aiglon*. Mas evidentemente que outro crime de lesa-cinema. — O actor que fez o papel de Flambeau é Victor Francen.

Neste momento em que lhe escrevo ainda não vi *Marrocos* mas vi *A Última Companhia* que considero um filme magnífico e duma extraordinária beleza... que o grande público, infelizmente, não compreenderá. — Sôbre o caso dos *speakers* Você tem razão e eu próprio, se me não agrada ouvir falar em dialecto brasileiro, não me importo muito que os *speakers*, em filmes americanos, se exprimam nessa linguagem... desde que falem pouco.

A Melisande não me falou de *Matou!* nem de *O Congresso que dança*. Não viu estes filmes?

Agradecemos e retribuimos os seus amáveis cumprimentos de boas-festas e esperamos que nos dê sempre o prazer de receber as suas interessantes cartas.

Américo Teixeira de Freitas — Pôrto — Melisande comunica-lhe que não troca correspondência mas que agradece a sua amabilidade e interesse.

A menina da franjinha — Pôrto — Perdão, minha querida amiguinha, há muitas meninas de franjinha neste mundo. Ou Você julga que é inédita? Só leitoras da INVICTA, que eu saiba, há três além de Você. Mas se Você quer evitar confusões, tire as repinhas ou mude de pseudónimo. Nada mais fácil, como vê.

Marcos — Castelo Branco — Nils Asther: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia, U. S. A. Mande dinheiro. Escreva mesmo em português.

Doido pelas loirinhas — Pôrto — São o meu tipo... Por acaso conheço a pessoa de quem fala. Agora é que Você caiu das nuvens! Diga-me cá, *ela* não mora para os lados da Boavista? Não tem um sinalzinho ao canto da face perto do olho direito?... Não se atrapalhe. Não sou seu rival nem fui seu antecessor. Mas mudemos de assunto: os desenhos animados que faziam parte do programa quando o Trindade levou o *Rato de Hotel*, eram realmente maravilhosos. — Lily Damita está presentemente nos Radio Pictures Studios, 780, Gower St., Hollywood, Califórnia, U. S. A.; Nancy Carroll: Paramount New York Studio, Long Island City, N. Y., U. S. A. Mande sempre caro amigo... e deixe as loirinhas em paz...

Espião — Pôrto — Feio pseudónimo! — O realizador de *Espionagem* (em compensação, um bonito filme) foi Gustav Ucicki. Prefiro mil vezes a Lillian Harvey a Kate von Nagy e, mesmo, gosto mais dela do que de Anny Ondra. Sempre que se exhibe uma fita que tenha a Lillian a interpretá-la, lá estou caído. Não sei porquê, mas faz-me bem ver aquela rapariga, ouvi-la falar, vê-la dançar. Tem qualquer coisa de imaterial que encanta, que seduz.

Amok.

ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA EM TODO O MUNDO

Susy Vernon será a principal intérprete do filme *A luz que se apaga*, que dentro em breve começa a ser realizado nos estúdios Paramount de Joinville. O cenário é inspirado na famosa obra de Rudyard Kipling.

© Cine Teatro Covilhanense, da Covilhã, inaugura o cinema sonoro no próximo dia 21 do corrente mês, tendo instalado aparelhos Tobis-Klang-Film. Este melhoramento deve-se, incontestavelmente, à grande campanha pró-sonoro naquela cidade feita pelo jornalista João Carlos Fazenda.

Já se encontra concluído o último filme de Greta Garbo e Ramon Novarro, *Mata Hari*. Segundo a opinião dos críticos que assistiram à primeira exibição desta película, Greta Garbo revelou uma personalidade tão extraordinária, que suplanta todas as suas anteriores criações. Espera-se que *Mata Hari* colha um ruído de sucesso.

Clarence Brown vai dirigir para a M. G. M. o filme *Emma*, o qual será interpretado por Marie Dressler, Jean Hersholf, Myrna Loy, Barbara Kent e outros artistas daquela empresa. O argumento é da autoria de Frances Marion.

A conhecida artista italiana Marcella Albani foi novamente contratada pela *Cines*.

Após a exibição do filme *Os Colonizadores*, o salão Olympia, desta cidade, apresenta a célebre produção de Fritz Lang, *Matou*.

© realizador tcheco Karel Anton dirigirá a versão falante de *Anna Karenine*, que vai ser filmada em Joinville. Este filme, que nós já vimos interpretado por Greta Garbo e John Gilbert, e realizado na América por Edmund Goulding, será agora desempenhado por Olga Tschekowa.

Em virtude do grande sucesso que Lilian Harvey obteve com o seu filme *O Congresso que Dansa*, em Londres, no cinema Tivoli, a direcção do Rialto acaba de escolher para um dos seus programas o filme já muito nosso conhecido *A's ordens de Vossa Alteza*.

Estreou-se no passado dia 14 do corrente mês, no Moulin-Rouge, de Paris, o filme *Ronny*, com Kate de Nagy, realizado por R. Schunzel. Será brevemente exibido em Portugal.

A British International terminou o filme *Strictly Business*, dirigido por Jacqueline Logan e Mary Fiel e interpretado por Betty Amann, Percy Parsons, Carl Harbord, etc.

Pola Negri pensa publicar as suas memórias que ela escreveu durante a sua última estadia em Hollywood. Metade do seu livro é consagrado ao seu grande amor por Rodolfo Valentino.

Madge Evans interpretará o principal papel feminino de *Courage*. Robert Montgomery fará o galã.

Ralph de Léon, vai dentro em breve realizar *Fantome*, inspirado na obra de Paul Vialar.

Encontram-se em Viena os conhecidos artistas franceses Albert Prejean e Annabella que foram a essa cidade assistir à primeira exibição de *Uma Noite de Rúska*.

Julien Duvivier terminou a filmagem do filme *Allo Paris! Ici, Berlin*.

© contrato de Greta Garbo com a M. G. M. acaba no próximo mês de Abril. Correm boatos que essa estranha estrela pensa abandonar o cinema, dizendo-se que o seu grande sonho seria voltar para a Suécia, onde passaria os seus últimos dias na maior solidão.



BRIGITTE HELM

Famosa artista, que acaba de ser contratada por PABST para trabalhar em *ATANTIDA*.

de Lisboa

(Continuado na pág. 8)

Estava mesmo convencido de que o Armand Benard não deixaria de aparecer com uma das suas piadas, embora soubesse muito bem que êle não entrava neste filme.

Afinal, nada disto se deu e eu gostei bastante de *Marrocos*.

Até ao intervalo estava mesmo tão entretido, que, quando as luzes se acenderam, eu fiquei furioso e preguei a um amigo, que me acompanhava, um tremendo ciscurso sobre a inconveniência de haver intervalos a meio dum filme.

Como eu sei que êle é muito dorminhoco, acabei por lhe dizer que era exactissimamente a mesma coisa que lançar um balde de água fria por cima da cabeça dêle quando estivesse a meio do primeiro sono.

Apesar de tudo, o meu amigo, que além de dorminhoco é um fumador inveterado, não se convenceu. Riu-se de mim e foi fumar um cigarro com uma satisfação tão calma que me mecheu com os nervos.

Um dos maiores valores de *Marrocos* — talvez o maior — é a interpretação.

O Gary Cooper, a Marlene Dietrich e o veterano Menjou vão maravilhosamente.

Esse tal amigo que me acompanhava disse que só seria capaz de se apaixonar por uma mulher como aquela, original, diferente de todas as outras.

Eu desiludi-o logo, e já na rua consegui provar-lhe que as mulheres, embora à primeira vista e exteriormente pareçam diferentes umas das outras, são todas iguais, muito iguaizinhas, como os automóveis em série do senhor Henry Ford...

Pas sur la bouche Melhor do que muitas, pior do que algumas, esta é uma opereta que se vê com agrado.

Só pela interpretação de Nicolas Rimsky vale a pena lá ir.

Se vocês forem ver êste filme, passam duas horas agradavelmente e com certeza saem, como eu, a cantar:

*Sur le quai
Le quai Malaquais...*

Lisboa—Janeiro de 1932.

Fernando.

FOTOGRAFIA GUEDES

PRIMEIROS PRÉMIOS
EM TODAS AS EXPOSIÇÕES
A QUE TEM CONCORRIDO

346, Rua de Santa Catarina, 350

Uma composição musical

RECEBEMOS ha bastante tempo uma inspirada composição musical do maestro Horácio Borges, intitulada *Aguia d'Ouro*, à qual não fizemos antecipadamente referência por absoluta falta de espaço, pelo que julgamos dever pedir desculpa ao oferente.

Horácio Borges, um novo que se vem impondo, que se tem tornado alvo das atenções da crítica, não precisa da nossa parte de referências encomiásticas; a todos os *habitués* do Cinema *Aguia d'Ouro* devem recordar ainda as magníficas adaptações musicais dêste artista no tempo do cinema silencioso; eram não só uma demonstração de bom gosto, mas ainda uma demonstração da consciência técnica do *savoir-faire* de H. Borges.

A composição *Aguia d'Ouro*, que dedicou à Empresa daquele luxuoso Cinema, tem o cunho característico de outras produções anteriores do mesmo autor, já muito vulgarizadas e conhecidas pelo público; a que apresentou, merecerá sem dúvida um igual carinho, pois se trata dum curioso *one-step* marcha, cheio de ritmo e vivacidade.

Agradecendo a H. Borges a sua gentileza, fazemos votos para que na sua carreira só encontre triunfos e incitamentos sempre para melhor produzir.

Um café... cinéfilo

SE Lisboa tem o seu «Chic», onde se reúnem os amigos de cinema, o Pôrto tem actualmente no «Café Magestic» o ponto de reunião da mocidade cinéfila portuense, que vai encontrar naquela casa um conforto e uma afaabilidade invulgar.

O «Café Magestic», situado no coração do nosso centro cinematográfico, não só se impõe pelo seu serviço, mas ainda pelas *élites* que ali se reúnem em amena conversa, gosando um agradável bem-estar; encontra-se ali reunido tudo o que há de mais notável no comércio, na indústria, nas artes e nas ciências. Grupados à volta das mesas dêste café vemos caras amigas e conhecidas, entretidos ora jogando «sangrentas» batalhas navais, ora discutindo o sucesso de *O Congresso que dansa*. Como se não bastassem tais atractivos, ainda êste café concede aos seus *habitués* senhas-bonus, que os habilita a tomar semanalmente um alto grau de «etilização», mercê de uma caixa de vinho Borges, que lhes é concedida quando tenham uma senha premiada.

Ainda recomendamos aos cinéfilos amigos o serviço dêste café, que mercê duma conscienciosa gerência e dos cuidados do façanhudo bigode do caixeiro Marques, se impõe como um dos melhores do Pôrto.

AGUIA D'OURO

apresenta

na próxima Segunda-feira

A maior maravilha
do cinema europeu

O

Congresso que dança

Super-produção de Erick Pommer
para a **U. F. A.**, com:

Lilian Harvey,

Henry Garat,

Pierre Magnier, Robert Arnoux,

Gean Dax, Lil Dagover, Paul

Olivier e Armand Bernard

Realização de *Erik Charell*

Castelo Lopes, L.^{da}

A firma detentora dos melhores filmes
europeus e americanos

a p r e s e n t a

b r e v e m e n t e
n o P ô r t o

o encantador fonofilme
baseado na célebre opereta de
André Barde e Maurice Yvain

NOS LÁBIOS... NÃO!...

(Pas sur la bouche)

produzido pela LUNA FILME.

Interpretação de:

Nicolas Rimsky,

Mireille Perrey, Madeleine Guitty,
Jane Marny, Lucien Galas, Jacques Gré-
tillat, Pierre Moreno e Alice Tissot.

Uma produção cheia de situações hilariantes.
Música lindíssima. Agradáveis canções.